

A GUERRA DOS DEUSES RELIGIÃO E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA.

Laureado com o prêmio Sérgio Buarque de Holanda, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, este ensaio de Michael Löwy oferece uma análise renovada sobre o complexo desenvolvimento das relações entre as culturas religiosa e política na América Latina nas últimas quatro décadas. Tomando como marcos referenciais a Revolução Cubana e o pontificado de João XXIII, que promoveram intensas mudanças no conflituoso cenário latino americano, o autor volta seu olhar para movimentos religiosos comprometidos com a emancipação social e política, focalizando a Teologia da Libertação.

Fenômeno dos mais expressivos no âmbito das relações políticas e religiosas no continente, este movimento vem suscitando a produção de uma vasta literatura, com diversas abordagens e interpretações. No escopo dessas produções, *A Guerra dos Deuses* destaca-se por realizar um esforço compreensivo mais abrangente sobre o tema. Ao contrário da maioria dos trabalhos que lidam com esta problemática, em geral restritos a estudos de caso de países específicos ou a aspectos particulares deste movimento, este ensaio apresenta de modo vigoroso uma análise geral acerca do engendramento do Cristianismo de Libertação, expressão empregada pelo autor para se referir à Teologia da Libertação que, mais que uma corrente teológica, constitui-se num movimento social com implicações políticas marcantes.

DE MICHAEL LÖWY

*A Guerra dos Deuses.
Religião e Política na América Latina.*
Petrópolis: Vozes. 272p.

POR RENATA MARINHO*

Doutoranda, aluna do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC.

A metodologia utilizada por Löwy baseia-se na sociologia cultural inspirada em Marx e Weber, focalizando os conflitos de classe na América Latina e a tensão entre a ética católica e o espírito do capitalismo. Aqui, como em *Redenção e Utopia* (1989), a noção de afinidade eletiva

é evocada como instrumento para exploração e explicação do Cristianismo de Libertação.

O título, enigmático à primeira vista, refere-se à expressão weberiana que define precisamente o *ethos* religioso e político da América Latina no período analisado. Por um lado, reflete a luta que se desenvolve no interior do campo religioso entre duas concepções de Deus radicalmente distintas: o dos cristãos progressistas e os conservadores. Por outro, o conflito entre o Deus libertador e os ídolos da opressão representados pelo Capital, a Mercadoria, etc. (: 8).

Embora se declare uma "pessoa sem fé", ao identificar-se ética e politicamente com a temática, o autor apresenta um texto permeado por uma visão otimista e, porque não dizer, esperançosa, em relação aos impactos e rumos do Cristianismo de Libertação enquanto forma de auto-emancipação dos explorados na América Latina.

O livro se divide em três grandes capítulos e um posfácio. O primeiro capítulo, intitulado "Religião e política: revisitando Marx e Weber" apresenta uma análise minuciosa das perspectivas de autores marxistas acerca da religião. A discussão é iniciada com uma pergunta provocativa – "Marxismo e religião: ópio do povo?"

cuja resposta principal é o não esgotamento por esta fórmula das complexas relações entre religião e política. Löwy apresenta as reflexões de Marx e Engels, mas também de autores como Rosa Luxemburgo, Lenin e Gramsci, entre outros, permitindo compreender tanto as modificações que vêm ocorrendo nas relações entre marxismo e religião, quanto o papel social desta última. Destacam-se Ernest Bloch e Lucien Goldmann, pelas análises que fazem acerca do potencial utópico da tradição judaico-cristã (:29-34), e José Carlos Mariátegui, referência basilar para Gustavo Gutierrez, fundador da Teologia da Libertação.

Saindo de Marx e indo para Weber, Löwy ilumina o texto com um interessante *insight*: a partir da análise de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, ele afirma que a idéia de religião como fator causal determinante do desenvolvimento econômico não é, como se pensa freqüentemente, o principal argumento deste trabalho de Weber. Na parte intitulada “Ética católica e o espírito do capitalismo: o capítulo da sociologia da religião que Weber não escreveu”, o autor ressalta a existência de uma relação de afinidade eletiva entre certas formas religiosas (como o calvinismo, por exemplo) e o estilo de vida capitalista. Haveria também a existência de um subtexto entre catolicismo e *ethos* capitalista marcado pelo que Löwy denomina de antipatia cultural, ou uma *afinidade negativa* (:40) entre ética católica e capitalismo. A igreja dos pobres da América Latina é herdeira da rejeição ética do catolicismo frente ao capitalismo, especialmente da tradição francesa e européia do socialismo cristão (elementos cuidadosamente desenvolvidos no posfácio). Mas não se trata de dizer que o Cristianismo de Libertação é apenas uma continuação do anticapitalismo tradicional da Igreja. Ao contrário: é a criação de uma nova cultura religiosa, que expressa as condições latino-americanas, marcadas pelo capitalismo dependente, desigualdades sociais, violência institucionalizada e religiosidade popular (54-55).

O segundo capítulo “O cristianismo da libertação na América Latina” apresenta com a clareza peculiar aos textos de Löwy o que é a Teologia e o Cristianismo de Libertação, suas origens e seu desenvolvimento, as relações desta corrente com diversos setores da hierarquia eclesiástica e de movimentos religiosos laicos, além das divergências das igrejas católicas no interior de cada país latino-americano. Embora se baseie na tradição marxista, o autor afirma que entender o Cristianismo de Libertação a partir de questões econômicas e/ou interesses de classe é reduzir sua riqueza e autenticidade. Para ele, este movimento está voltado para a causa dos pobres e explorados seguindo uma motivação espiritual e moral fundada na fé e na tradição cristã e católica. Antes de ser um discurso social e político, o cristianismo de libertação é uma reflexão religiosa e espiritual, de acordo com a máxima consagrada em Puebla: a opção preferencial pelos pobres.

Uma questão fundamental que norteia a argumentação de Löwy refere-se à relação entre religião e política no Cristianismo de Libertação. Novamente, a noção de afinidade eletiva é evocada para a compreensão da cultura deste movimento. Essa afinidade baseia-se numa matriz comum de crenças políticas e religiosas, permitindo a gestação de fortes relações entre ética religiosa e utopias sociais na América Latina.

Religião e marxismo partilham a fé em valores transindividuais, consideram os pobres injustiçados, comungam uma perspectiva universalista: a humanidade está acima de diferenças étnicas, raciais, nacionais, etc; criticam a atomização, a alienação, a competição egoísta, etc; criticam o liberalismo e o capitalismo; ambos tem a esperança de um reino futuro de paz, justiça, liberdade e fraternidade entre toda a humanidade (:116-7). Há distanciamentos (no tratamento que a Igreja dá aos pobres, por exemplo), mas uma conjuntura histórica determinada, caracterizada por forte polarização social e por conflitos políticos, aliada à Revolução Cubana e aos sucessivos golpes militares, assim

como a maior penetração do pensamento marxista entre intelectuais e estudantes fizeram com que religião e marxismo encetassem uma relação mais profícua.

Após estas análises mais gerais, o terceiro capítulo "Política e religião na América Latina: três exemplos", está voltado para o estudo de três casos latino-americanos: o brasileiro, o nicaraguense e o salvadorenho. O autor também analisa as contradições entre o ramo protestante do cristianismo de libertação e a espetacular expansão evangélica pentecostal, além da contra-ofensiva do Vaticano frente a essa expansão e à própria Teologia da Libertação.

Embora este ensaio tenha sido publicado pela primeira vez em 1996 (edição inglesa), o autor confere a este capítulo uma tonalidade viva, sobretudo quando se refere ao caso brasileiro, talvez por querer se contrapor às visões pessimistas sobre o futuro deste movimento. Apesar de reconhecer suas contradições e limitações, o entusiasmo expresso no texto pode, em certa medida, obliterar a percepção do declínio da Teologia da Libertação que, aliado ao crescimento pentecostal e à força do movimento de renovação carismática católica no país,

constituem-se em elementos que, sobretudo na última década, vem alterando significativamente o cenário político-religioso no Brasil.

O livro termina com uma interrogação sobre o futuro deste movimento diante de fatores como o conservadorismo do Vaticano (sobretudo no pontificado de João Paulo II), do avanço pentecostal e do fim do socialismo no leste europeu. Ao questionar sobre o fim do Cristianismo de Libertação, Löwy reconhece a perda de espaço que este vem sofrendo nos últimos anos mas, ao apontar as suas evoluções e o seu amadurecimento, se opõe às visões predominantemente negativas e reafirma a força dessa nova cultura religiosa que trouxe novas perspectivas de dignidade e auto-emancipação para os explorados. Seu discurso aponta as dificuldades, as contradições e os entraves enfrentados por este movimento mas, ainda assim, revela a confiança num futuro melhor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Löwy, Michael. 1989. Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa Central. (Um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras.